

Figueiredo: "Saltar obstáculos para não haver retrocesso"

"Temos de contornar, atravessar ou saltar muitos obstáculos da nossa situação econômica para não haver retrocesso, para não estacionar a nossa marcha democrática", disse ontem o presidente João Figueiredo no programa "O Povo e o Presidente", da TV Globo. Ele acrescentou que as dificuldades econômicas podem comprometer a tranquilidade social do País, essencial para o avanço democrático, e afirmou que quaisquer que sejam as medidas a serem adotadas na área econômica "elas vão ferir pessoas e ferir interesses".

O diálogo do presidente com o seu entrevistador, Ney Gonçalves Dias, foi o seguinte:

Presidente — Boa noite, Ney. Eu desejo uma boa noite para todos; para mim as noites não têm sido boas.

Pergunta — Presidente, o senhor está muito preocupado e eu lhe faço duas perguntas: é a sucessão presidencial que o preocupa? Ou é a situação econômica do País? São as medidas que estão sendo anunciadas por aí na área econômica que estão preocupando o senhor?

Presidente — Eu estou muito preocupado e sei que milhões de brasileiros também estão muito preocupados com a nossa situação econômica. Estamos chegando a um ponto crítico, em que temos de tomar as medidas apropriadas. Temos de fazer as reavaliações que se impõem. Estou profundamente preocupado porque eu sei, tenho consciência de que o nosso povo já está muito sacrificado pelas dificuldades da nossa economia. Estou muito preocupado porque é preciso, como eu disse, tomar as medidas apropriadas. Como fazer isso, Ney? Como adotar as medidas adequadas diante do agravamento das dificuldades?

Pergunta — Presidente, o que o senhor chama de agravamento das dificuldades?

Presidente — O que está aí, em todas as notícias, que todos conhecem. O aumento do nível de desemprego, a inflação, a recessão, a dívida externa, a taxa de juros elevadíssima, o déficit público, e ainda por cima estamos sofrendo uma seca prolongada no Nordeste e as inundações no Sul. São problemas que estão-se agravando, e, como eu disse, já atingiram ou estão chegando a um ponto crítico, que exige medidas apropriadas e as reavaliações necessárias. Temos de atacar esses problemas com medidas decisivas e isso vai doer em muita gente. Mas a margem de contemporização está-se esgotando rapidamente. Os nossos 120 milhões de brasileiros não podem mais conviver com essa situação. E não é só conviver. E o futuro? Quais são as nossas expectativas? O aumento da dívida externa, o aumento do déficit público, o aumento da inflação, o aumento da recessão, o aumento do juro, o aumento do desemprego? Não são esses os meus objetivos de governo! Eu não aceito isso como resultado de minha estratégia, dos planos traçados para um país como o nosso. O nosso povo, como eu, também não pode aceitar esse resultado.

Pergunta — Presidente, então eu repito a pergunta que o senhor fez. Como adotar as medidas adequadas diante do agravamento das dificuldades?

Presidente — Quaisquer que sejam as medidas adotadas, elas vão ferir pessoas e ferir interesses. Elas exigirão sacrifícios praticamente de todos os brasileiros. Então, os critérios que se selecionam as medidas têm de ser muito firmes e claros na defesa dos interesses maiores da coletividade. Na proteção do povo. O bem comum tem de prevalecer sobre qualquer outro critério de interesse.

Temos de minorar, de imediato, as dificuldades advindas da seca do Nordeste e das enchentes no Sul. Temos de adotar um elenco de medidas capazes de combater a inflação e a recessão, reduzir o déficit público, reduzir as taxas de juros

e criar, isso, principalmente, criar, empregos. E preciso traçar uma estratégia com objetivos claros, palpáveis, capazes de obter a confiança do povo, a confiança de empresários e trabalhadores e a esperança de um futuro melhor para todos nós.

Pergunta — Como encontrar esse elenco de medidas adequadas, presidente? Como traçar essa estratégia?

Presidente — Eu sei que é difícil, mas estamos estudando, estamos trabalhando para isso. Eu continuo determinado na minha rota de afirmação do projeto democrático brasileiro. E eu sei que precisamos desenvolver e seguir uma estratégia compatível com esse projeto democrático. Mais do que ninguém, eu conheço os obstáculos, as manobras, as dificuldades que puseram na minha frente, contra o avanço do meu projeto democrático no campo político.

Agora, eu sei que o mesmo pode acontecer no campo econômico. Temos de contornar, atravessar ou saltar muitos obstáculos da nossa situação econômica para não haver retrocesso, para não estacionar a nossa marcha democrática. Mais que isso, eu diria que a crise econômica, as dificuldades econômicas podem comprometer a tranquilidade social do País, essencial para um avanço democrático. Mas eu não vou aceitar isso e estou certo de que o povo brasileiro também não vai admitir que isso aconteça. Vamos atravessar essa barreira e vamos consolidar o nosso progresso democrático em todos os campos: político, econômico e social.

Pergunta — Bom, presidente, o governo vai adotar um elenco de medidas ao seu alcance. Eu faço ao senhor três perguntas: e o povo? e os banqueiros, os empresários e os trabalhadores? O que eles têm de fazer?

Presidente — Acima de tudo, Ney, e antes de mais nada, ter confiança em si mesmo. E preciso que cada brasileiro acredite que é capaz de resolver os seus problemas, e trate de resolver os seus problemas, de vencer na vida, em lugar de ficar esperando um milagre ou a ajuda do governo. Não vamos capitular, nem perder as esperanças. Eu já disse aqui que temos de nos unir e trabalhar. Temos de seguir uma estratégia em que todos participem, cada qual no seu dia-a-dia, conscientes de que estamos atravessando um período difícil, mas vamos chegar do outro lado. E vamos conhecer dias melhores, devido ao esforço de agora. A exploração da crise econômica e do pessimismo são as armas dos inimigos da democracia. Vamos deixar de lado o pessimismo. Eu espero que todos que sejam governantes, políticos, empresários e trabalhadores — vamos somar o imenso potencial da nossa gente e vamos juntos, unidos, com a participação de todos, desenvolver uma plataforma econômica capaz de apoiar solidamente o nosso avanço democrático.

Pergunta — Presidente, não quero forçar a barra, mas vou lhe fazer uma última pergunta: o senhor está dando mais ênfase ao fator moral? A atitude do brasileiro diante das dificuldades? E isso?

Presidente — Exatamente. Em todas as grandes batalhas, o fator moral é decisivo. Só vence quem tem vontade de vencer. Os pessimistas, os derrotistas caem na estrada. Um povo de moral elevada, que acredita na sua força, atravessa anos de dificuldades e acaba firmando sua prosperidade. Por isso eu considero o fator moral, o posicionamento da opinião pública, como decisivo para nós neste momento. Nós precisamos desse fator, precisamos de uma opinião pública confiante, para atravessar esse período difícil. Já há indícios de recuperação do crescimento econômico nos países industrializados. Isso significa que teremos expectativas de mercados maiores para nossa exportação. Mais exportação, mais produção significam mais recursos para atenuar a dívida externa e combater a inflação. Significam mais emprego para os nossos trabalhadores.